



Fundação João Mangabeira

BOLETIM

CONJUNTURA  
**Brasil**

M A I O



2 0 1 5

**A crise  
do setor  
elétrico  
brasileiro**





**DIRETORIA EXECUTIVA**

Presidente: **Renato Casagrande**

Diretor Administrativo: **Milton Coelho da Silva Neto**

Diretor de Cursos: **Vivaldo Vieira Barbosa**

Diretor Financeiro: **Renato Xavier Thiebaut**

Diretor de Assessoria: **Jocelino Francisco de Menezes**

**CONSELHO CURADOR**

**Carlos Siqueira** – Presidente

**Luiza Erundina de Sousa**

**Serafim Corrêa**

**Dalvino Troccoli Franca**

**Kátia Born**

**Álvaro Cabral**

**Adilson Gomes da Silva**

**Eliane Novais**

**Paulo Afonso Bracarense**

**Manoel Alexandre**

**Bruno da Mata**

**James Lewis**

**Silvânio Medeiros dos Santos**

**Francisco Cortez**

**Gabriel Gelpke**

**Joilson Cardoso**

**SUPLENTES DO CONSELHO CURADOR**

Jairon Alcir do Nascimento

Paulo Blanco Barroso

Felipe Rocha Martins

Henrique José Antão de Carvalho

**CONSELHO FISCAL**

Cacilda de Oliveira Chequer

Ana Lúcia de Faria Nogueira

Gerson Bento da Silva Filho

**SUPLENTES DO CONSELHO FISCAL**

Marcos José Mota Cerqueira

Dalton Rosa Freitas

**Edição de Arte:**

Márcia Helena Rollemberg

**Consultoria Técnica:**

César Benjamin

**Assessoria de Comunicação:**

Handerson Siqueira

**Tiragem:**

5000 exemplares

**Diagramação e Impressão:**

TC Gráfica

**Editoração Boletim Eletrônico:**

Grupo Prospecta

**Edição e Distribuição**



# Editorial

A Fundação João Mangabeira lança a série Boletim de Conjuntura Brasil, tendo em vista pautar debates estruturantes para o desenvolvimento nacional e aprofundar a formulação de propostas sobre políticas públicas.

Com abordagem histórica e atual da conjuntura nacional, serão apresentados temas relevantes para o desenvolvimento do país com justiça social, cultura de paz e sustentabilidade.

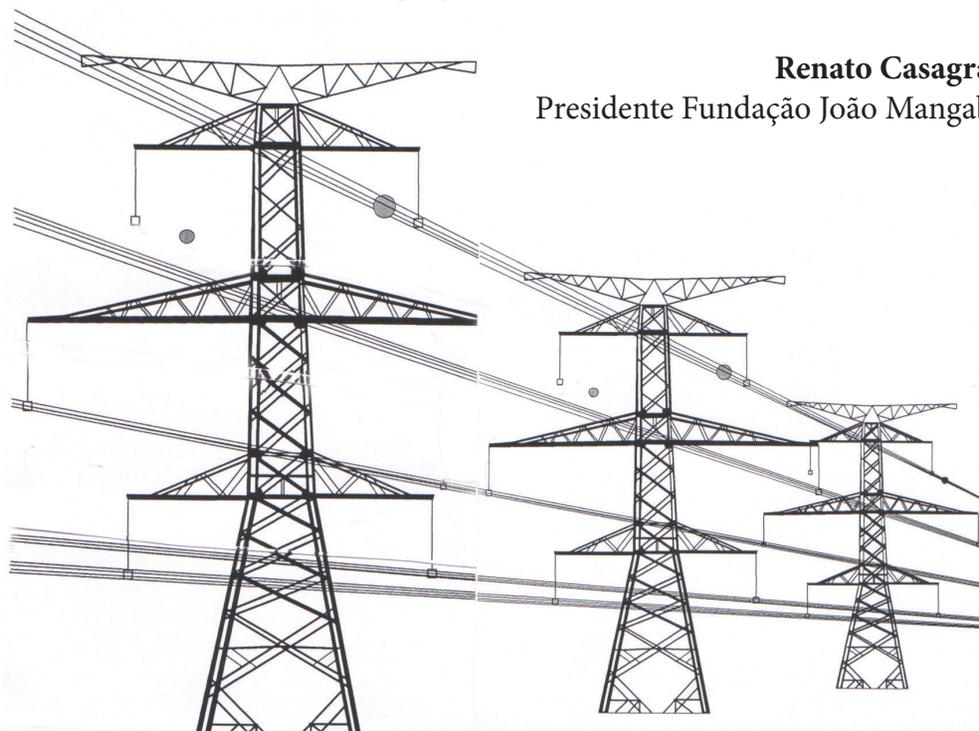
A primeira edição traz a crise do setor elétrico como tema central. Pretende municiar e mobilizar os atores interessados – especialistas, militantes, mandatários e cidadãos – com informações e propostas, na perspectiva de superar desafios e construir novas possibilidades para o Brasil.

O modelo implantado pelos governos do PSDB e do PT no sistema elétrico está esgotado. Passamos a viver sob estresse no setor mais importante de qualquer economia moderna. Crise de energia é crise sistêmica. É essencial que a política brasileira esteja em dia com o estado da arte sobre esse e outros temas, aprofunde as alternativas e apresente propostas sustentáveis, com a participação de estudiosos e de segmentos da sociedade envolvidos diretamente nessa atividade.

A Fundação João Mangabeira, em nome do PSB, pretende continuar esse debate e continuará interagindo com os interessados, que podem contribuir inclusive para outra edição específica sobre o tema.



**Renato Casagrande**  
Presidente Fundação João Mangabeira



# A crise do setor elétrico brasileiro

Nosso moderno sistema elétrico começou a surgir com a construção da usina de Furnas (MG) na primeira metade da década de 1950, com Juscelino Kubitschek no governo de Minas Gerais e Getúlio Vargas no governo federal. O país estava saindo de uma longa seca, o que levou os dois governos a projetarem uma usina hidrelétrica com reservatório capaz de armazenar água para cinco anos de

operação, independentemente do regime de chuvas. Essa se tornou a referência para as usinas que vieram a ser construídas depois, por um longo período, fazendo com que o sistema brasileiro ganhasse grande confiabilidade.

Ainda no segundo governo Vargas, seguiu para o Congresso o projeto de criação da Eletrobras, a empresa pública que viria a ser a *holding* do setor. A

proposta só foi aprovada em 1963, no governo Goulart, e teve tanta importância para o desenvolvimento brasileiro quanto a criação da Petrobras.

O sistema se expandiu muito nas décadas seguintes, passando a operar de forma interligada, com cerca de 4 mil quilômetros de extensão Norte-Sul e 100 mil quilômetros de linhas de transmissão. Armazenando “combustível”



(ou seja, água) para cinco anos de operação, funcionando em rede e ofertando energia barata, de fonte renovável, tornou-se referência mundial.

Um operador central otimizava o funcionamento de todo o sistema em tempo real, conferindo um papel ativo às linhas de transmissão. Graças a isso, reservatórios situados em diferentes bacias hidrográficas, sem ligação física entre si, passaram a funcionar como se fossem vasos comunicantes, possibilitando racionalizar o uso da água e regularizar o curso dos rios na maior parte do país. Nossa capacidade de geração elétrica, vista como um todo, tornou-se 25% maior do que a soma da capacidade das usinas, vistas isoladamente. A oferta de eletricidade passou a caminhar na frente do crescimento econômico, antecipando-se à demanda, e o risco de desabastecimento foi afastado.

## As privatizações

A grande mudança foi feita na segunda metade da década de 1990, no governo de Fernando Henrique Cardoso, quando começamos a transitar de um sistema público, planejado e cooperativo para um

sistema privado, mercantil e concorrencial. Tomada tal decisão, as vantagens do sistema brasileiro – o funcionamento em rede, a base hídrica, o horizonte de longo prazo, o fornecimento de energia barata, o papel ativo das linhas de transmissão – tornaram-se empecilhos, pois não se ajustavam à lógica de operação do capital privado.

Na infundável sucessão de ajustes e acomodações, que dura até hoje, o sistema foi se tornando cada vez mais híbrido e complexo, com inúmeras portarias e resoluções baixadas *ad hoc* e crescentes custos de transação. Perdeu capacidade de planejamento. Tornou-se uma permanente dor de cabeça para os engenheiros e um paraíso para os advogados. Abriu grandes espaços para lucros especulativos, pois quem vende energia não precisa mais, necessariamente, gerá-la.

Os governos do PT não mudaram essa orientação, que trouxe três aspectos negativos principais:

(a) alteração na base técnica, com o aumento da participação das usinas térmicas (movidas a gás, óleo combustível, diesel, carvão mineral e carvão

vegetal), mais ajustadas ao investimento privado, mas muito mais caras e poluentes;

(b) aumento das tarifas, que na última década subiram muito acima da inflação;

(c) perda de confiabilidade: até meados da década de 1990, o sistema começava a expandir sua capacidade sempre que o risco de déficit atingia 5% no quinto ano a partir do presente. Hoje, como veremos, o sistema opera com alto risco de déficit no ano em curso.

Apesar do crescimento das térmicas na última década, as usinas hídricas continuam a ser essenciais: representam cerca de 70% da capacidade instalada e cerca de 85% da oferta real. Os reservatórios seguem um ciclo anual: no Sudeste-Centro-Oeste, onde estão 70% das reservas hídricas aproveitadas, eles começam a encher em novembro-dezembro e esvaziam a partir de abril, acompanhando os limites da estação chuvosa na região. Mas a reserva que acumulam, como veremos, vem diminuindo ano a ano. Em abril deste ano, ultrapassada a estação chuvosa

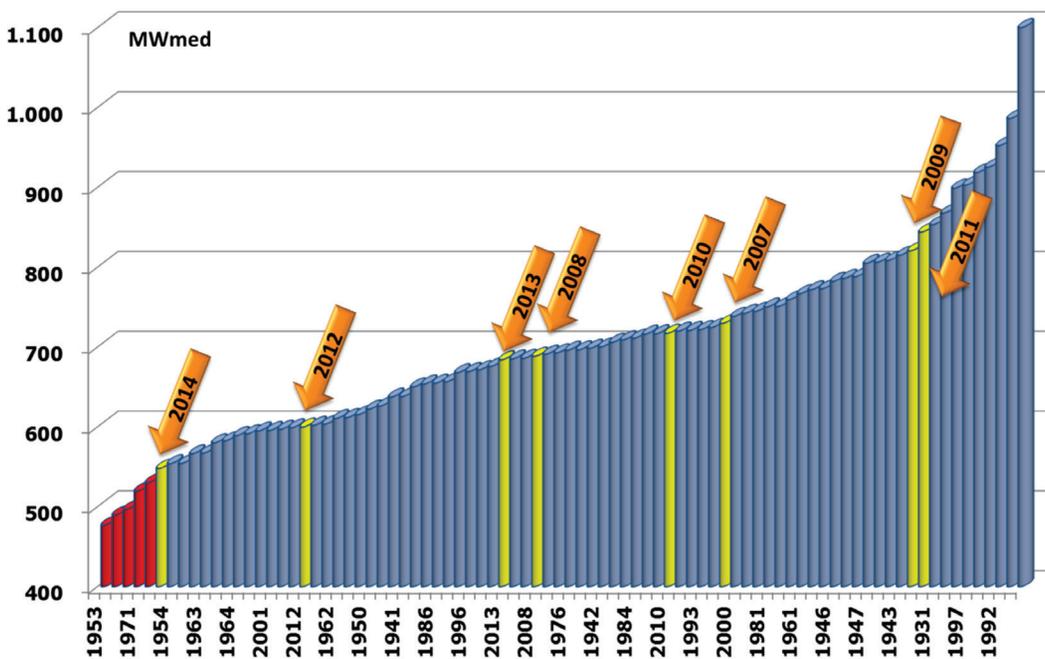
relevante, nossos reservatórios permaneciam com níveis preocupantes: apenas 33% estavam preenchidos no Sudeste-Centro-Oeste, muito abaixo do nível crítico, de 43%, admitido pelo Operador Nacional do Sistema (ONS) para essa época. O armazenamento era inferior ao de 2001, quando o país foi obrigado a adotar um

acionamento de energia elétrica. Voltamos, pois, a conviver com essa possibilidade. As informações e a série de figuras apresentadas adiante nos ajudarão a compreender a situação.

## Hidrologia e consumo: falsas alegações

Ao contrário do que diz

o governo, a crise atual não pode ser explicada pela hidrologia. O histograma mostra que, no período recente, tivemos mais anos chuvosos do que secos. Apenas 2012 e 2014 registraram afluências abaixo da média histórica. Em condições normais, o sistema absorveria com facilidade essas duas ocorrências.



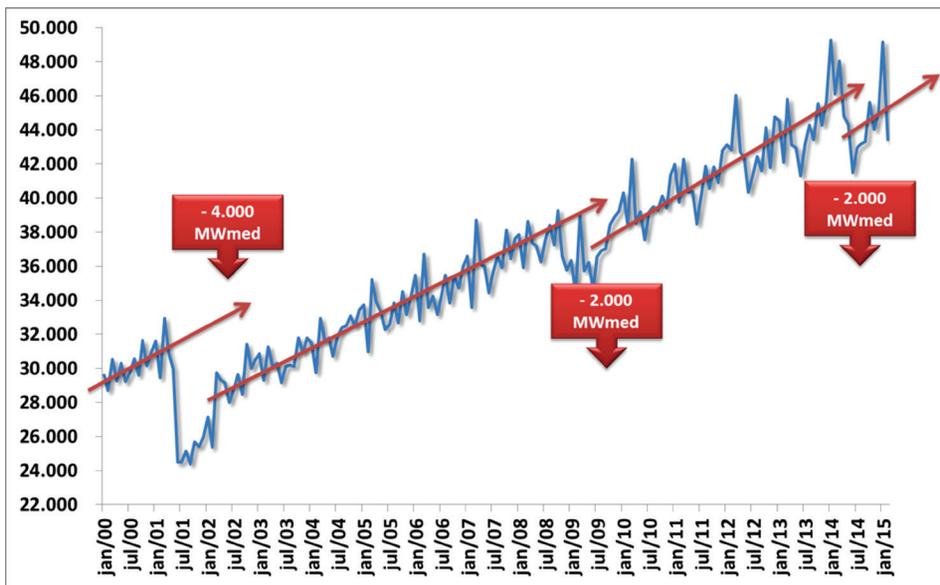
Fonte: Histórico de energias naturais do Operador Nacional do Sistema (ONS).

Também não é verdade que a crise possa ser explicada por um aumento anormal do consumo. Ao contrário, desde 2001 tivemos três momentos em que a tendência do consumo se ajustou brusca-

mente para baixo: em 2001 (por causa do racionamento), em 2009 (por causa da recessão) e atualmente, em 2015 (por causa do brutal aumento das tarifas e do início de uma nova recessão). Nosso sistema elé-

trico ainda não entrou em colapso porque estamos em uma espécie de racionamento não declarado, com uma queda de 2 mil MW médios na carga demandada.

(Veja o gráfico na página seguinte).



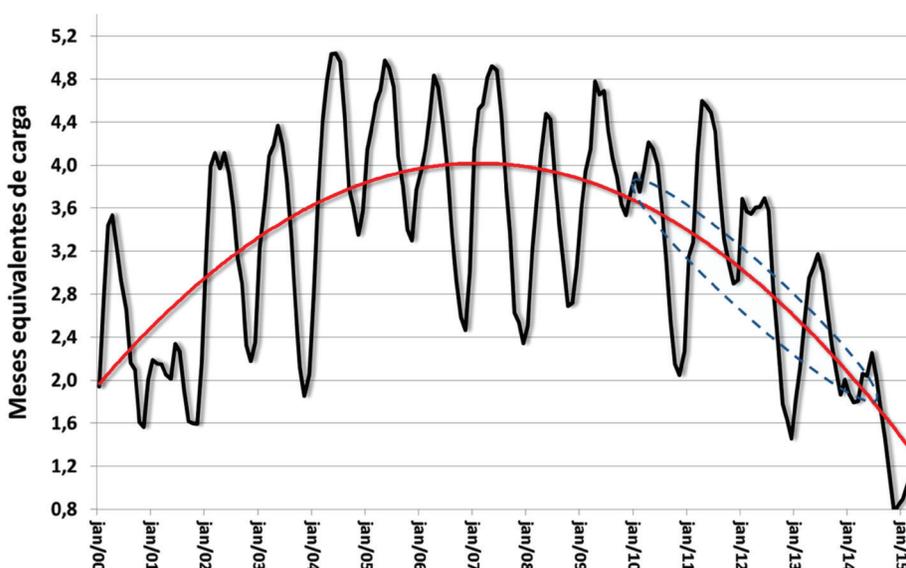
Fonte: Série histórica do Operador Nacional do Sistema (ONS).

## A queda persistente nas reservas

A crise atual começou a se desenhar em 2008, sem nenhuma relação com a hidrologia, e não teve resposta do governo. O

gráfico abaixo apresenta a reserva total dos nossos reservatórios dividida pela carga total do sistema, mês a mês, entre 2000 e 2014. A curva de tendência mostra a evolução da nossa “poupança energética”, que diminuiu aceleradamente no período demarcado pela

elipse pontilhada. Note-se que, como já vimos, houve mais anos chuvosos do que secos entre 2009 e 2014. Mesmo assim, em julho de 2014 os reservatórios acumulavam água suficiente para garantir pouco mais de um mês de consumo energético.

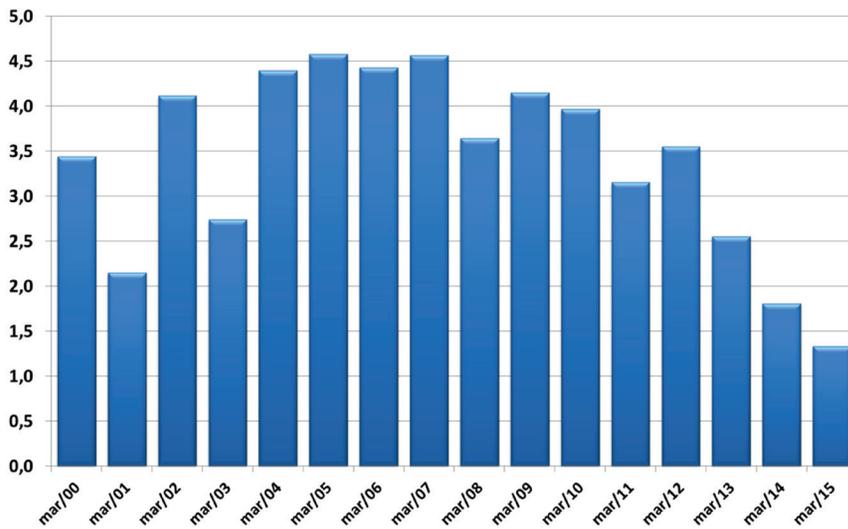


Fonte: Instituto Ilumina, a partir de dados da série histórica do Operador Nacional do Sistema (ONS).

O histograma abaixo confirma que o número de meses que podem ser atendidos pela reserva hídrica

começou a cair em 2008. E diz mais: em março de 2015, perto do final da estação chuvosa no Sudeste-

-Centro-Oeste, tínhamos reservas hídricas suficientes para menos de um mês e meio de consumo.

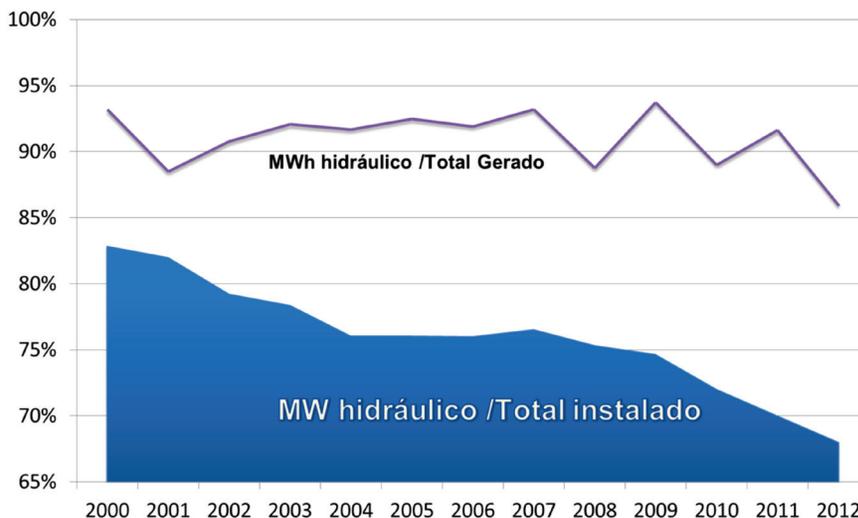


Fonte: Instituto Ilumina, a partir de dados da série histórica do Operador Nacional do Sistema (ONS).

Se o esvaziamento dos reservatórios não decorre de falta de chuvas nem de um crescimento anormal do consumo, qual a sua causa? Há um descompasso entre a energia estocada

nas usinas hídricas (total instalado) e a energia efetivamente gerada por essas usinas (total gerado), ano a ano, sempre como porcentagem da energia total. Por falta de investimentos, as

usinas hídricas vêm sendo sobrecarregadas. Em 2012, por exemplo, elas guardavam menos de 70% do potencial instalado e geraram mais de 85% da oferta.



Fonte: Base de dados para a capacidade Instalada: Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel). Base de dados para os MWh gerados: Operador Nacional do Sistema (ONS).

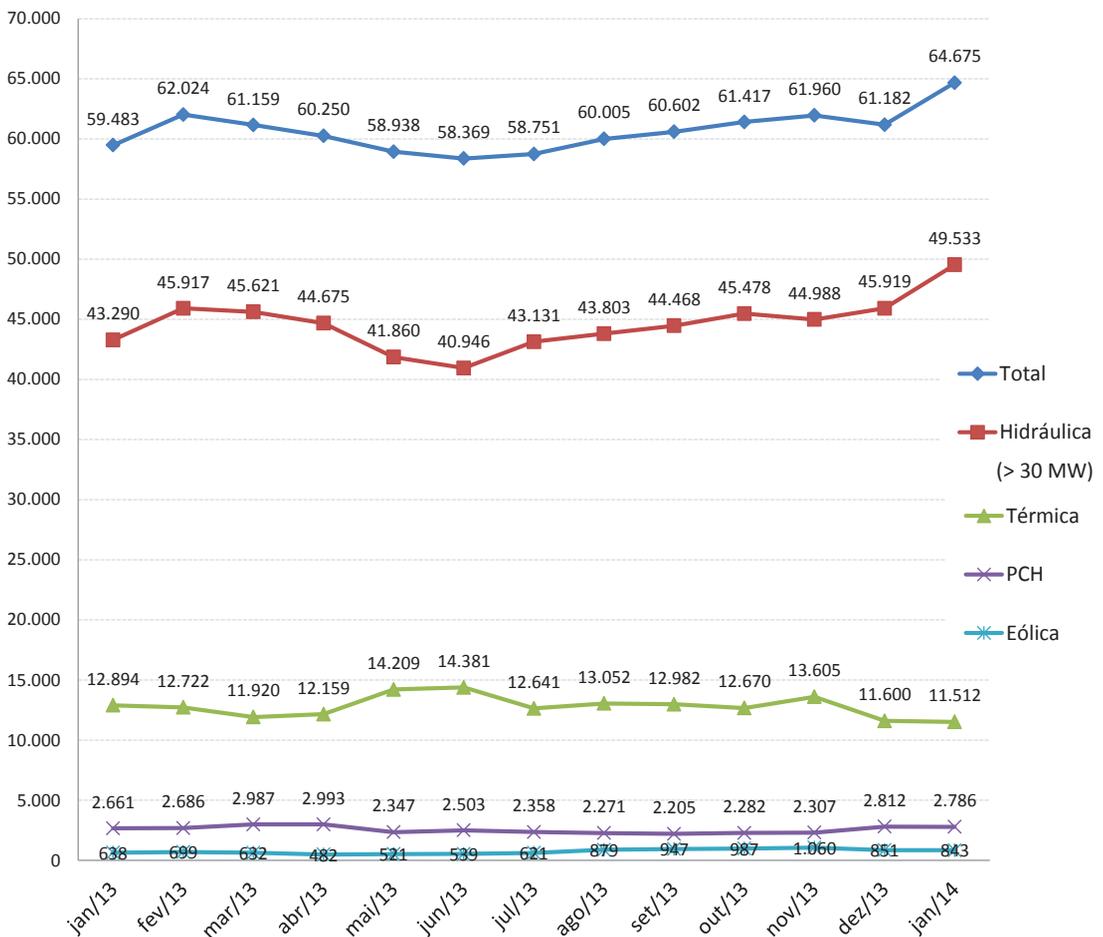
Ao contrário do que muitos pensam, as usinas térmicas e as demais não podem garantir, nem de longe, o abastecimento. O gráfico abaixo mostra que a situação apontada no gráfico anterior se agravou em 2014. Com a crise em pleno andamento, as usinas hídricas foram forçadas a aumentar sua geração, enquanto as térmicas diminuíam sua participação. Um dos motivos

para isso é que as térmicas brasileiras não foram planejadas para uso contínuo.

A primeira curva (de cima para baixo) do gráfico abaixo corresponde à geração total do sistema; a segunda curva, à geração hidrelétrica de grande porte; a terceira curva, à geração térmica; a quarta curva, à geração em pequenas centrais hidrelétricas; e a quinta curva, à geração eólica.

lica. Note-se que as curvas das hídricas e das térmicas apresentam tendências discrepantes, com o peso do consumo sendo jogado sobre as primeiras. São as hídricas que acompanham a evolução do consumo total. Isso quer dizer que o Operador Nacional do Sistema não consegue poupá-las, mesmo reconhecendo que as reservas estão perigosamente baixas.

MWmed



Fonte: Câmara de Comercialização de Energia Elétrica (CCEE).

## A crise da Eletrobras

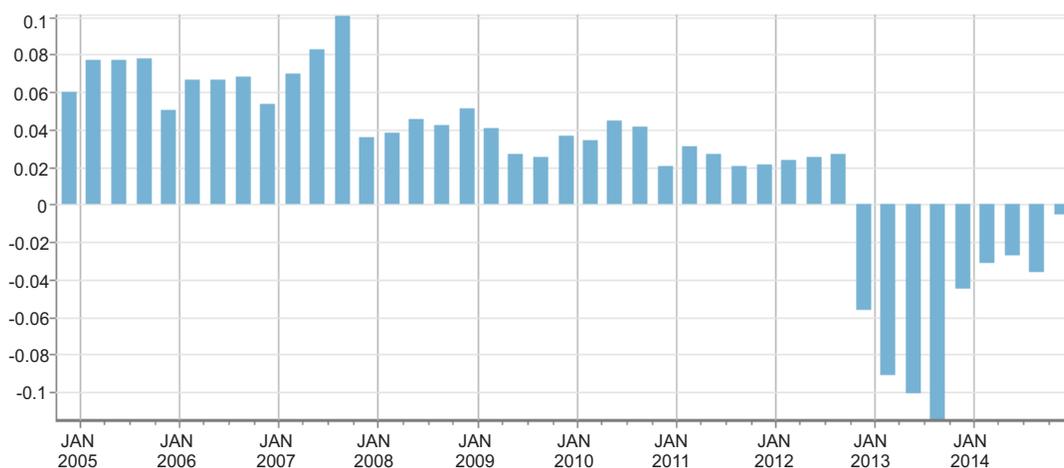
A Medida Provisória nº 579, assinada por Dilma Rousseff em setembro de 2012, lançou a Eletrobras na maior crise de sua história, fazendo desabar sua

receita e seu patrimônio. Sob o pretexto de diminuir tarifas – mas, como veremos, agindo de modo insustentável –, o governo jogou a maior empresa brasileira do setor elétrico numa crise bem mais séria e profunda que a da Petro-

bras, com perda acelerada de pessoal técnico e de capacidade de investimento, acúmulo de prejuízos sucessivos e enorme queda no seu valor de mercado. Os resultados do início de 2013 já mostravam o desastre.

### Retorno sobre o Capital Investido

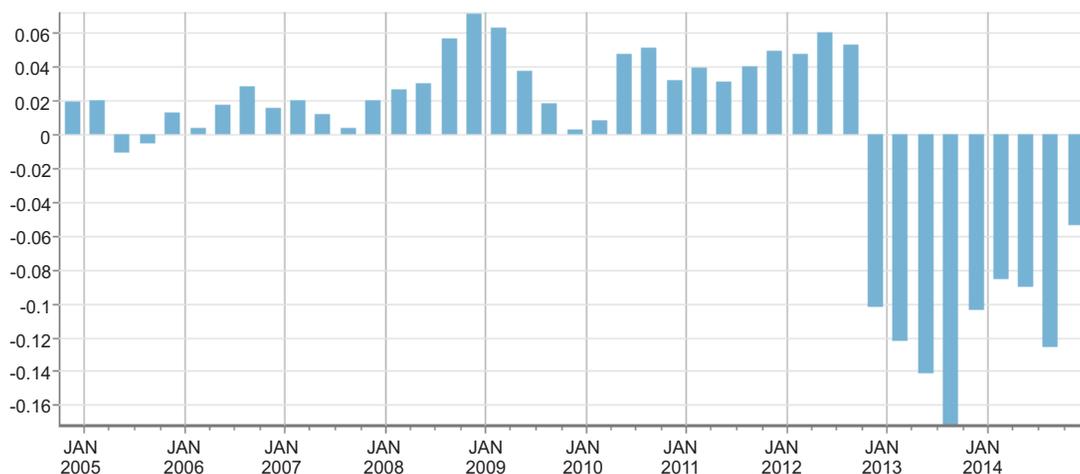
Anualizado



Fonte: [www.fundamentus.com.br](http://www.fundamentus.com.br).

### Retorno sobre o Patrimônio Líquido

Anualizado

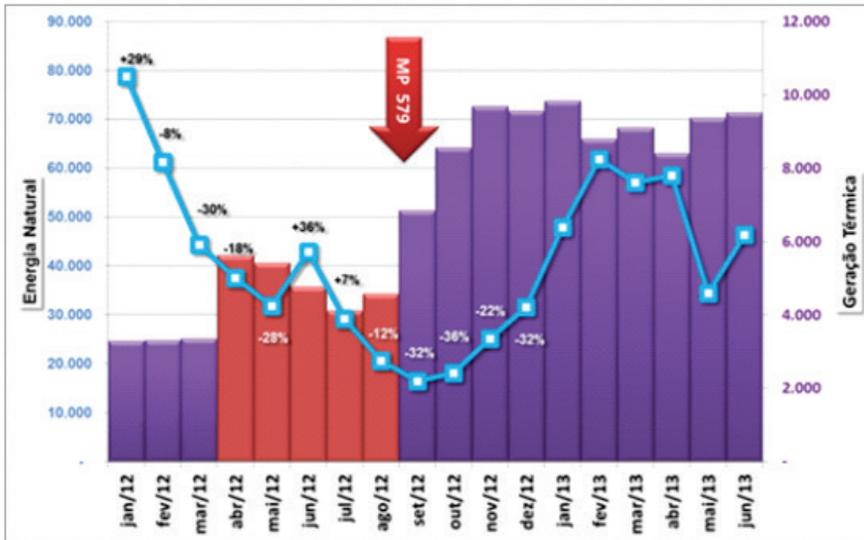


Fonte: [www.fundamentus.com.br](http://www.fundamentus.com.br).

A Medida Provisória nº 579 provocou, ao mesmo tempo, uma queda artificial nas tarifas e um aumento no uso da geração

térmica, muito mais cara. Desde o início, portanto, ela era insustentável. No gráfico abaixo, a linha oscilante indica a energia

natural que o sistema recebe das chuvas e as barras mostram o despacho das térmicas.



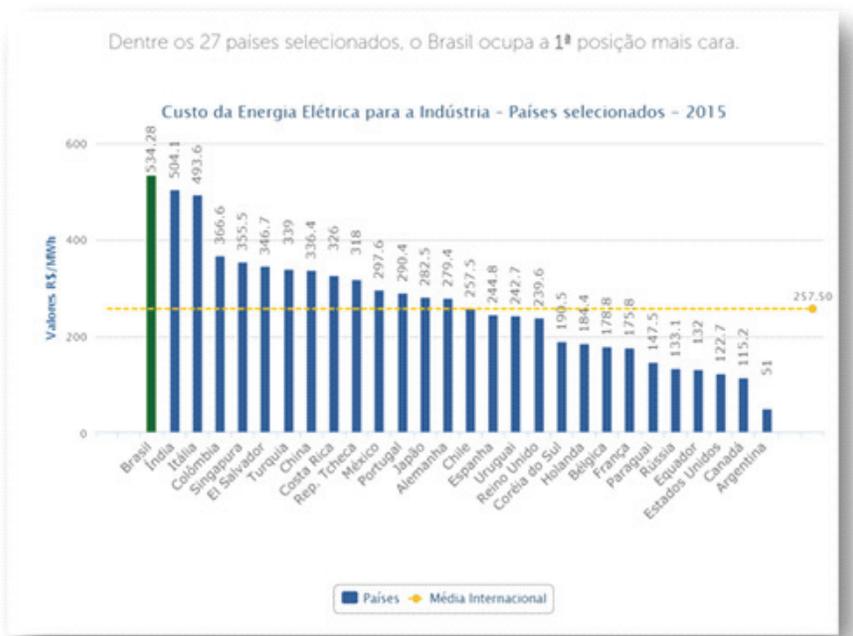
Fonte: Séries históricas do Operador Nacional do Sistema (ONS), organizadas pelo Instituto Ilumina.

## A situação em 2015

A redução artificial de tarifas foi mantida até depois

das eleições de 2014. Em 2015, começou o tarifaço corretivo, que agora atinge fortemente as famílias e as

empresas. Hoje, a indústria brasileira já paga as maiores tarifas do mundo pelo uso da energia elétrica.

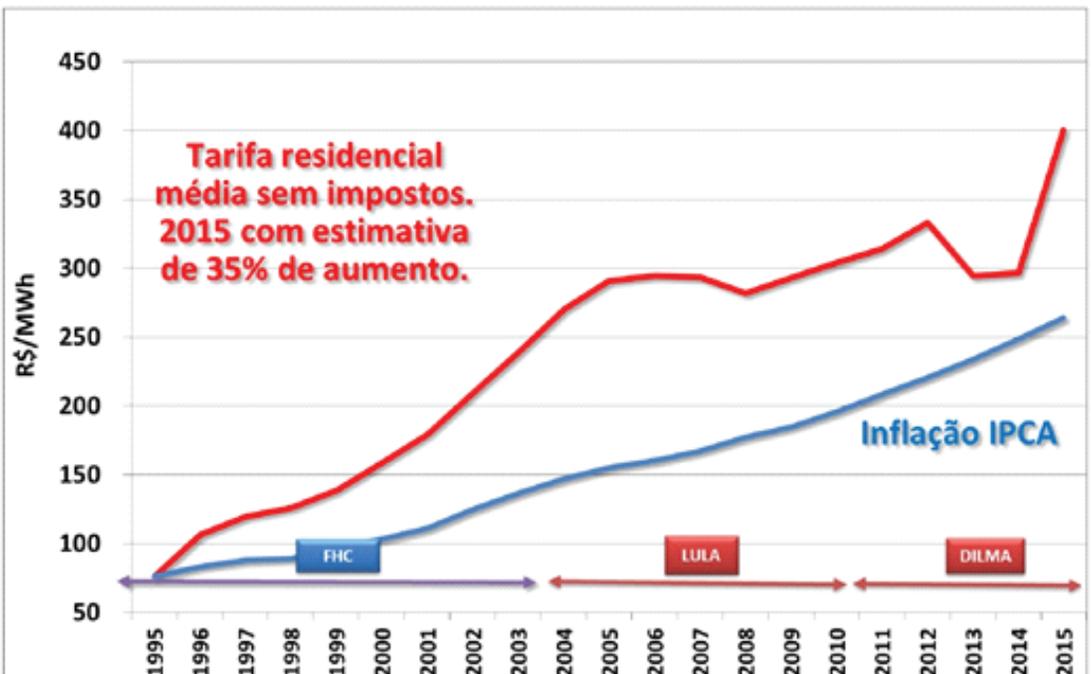
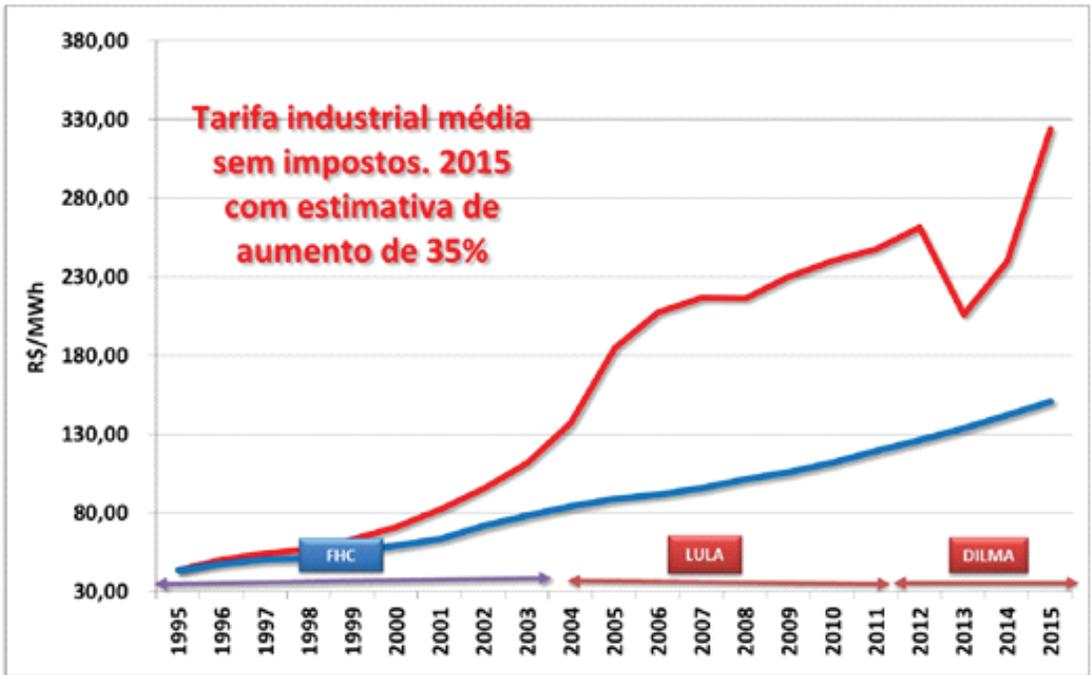


Fonte: Federação das Indústrias do Rio de Janeiro (Firjan), <http://www.quantocostaenergia.com.br>.

Em 2015, a tarifa industrial e a tarifa residencial ficarão pelo menos 115%

e 52% mais caras, respectivamente, do que as de 1995, em valores reais, em

uma estimativa claramente conservadora.



Fonte: Séries históricas da Agência Nacional de Energia Elétrica (sem as bandeiras tarifárias).

## Uma questão estratégica

O modelo implantado pelos governos do PSDB e do PT no sistema elétrico brasileiro está esgotado. Passamos a viver em crise crônica no setor mais importante de qualquer economia moderna. Crise de energia é crise sistêmica. Ao provocarem grande redução no consumo, a recessão e o tarifaço estão afastando, por ora, um novo racionamento. Mesmo assim, ele poderá ser inevitável adiante.

A questão central, no entanto, não é tentar prever se e quando chegará a hora do racionamento. Essa previsão é impossível em um sistema que, em grande medida, depende das chuvas e já funciona quase sem reservas. Mas uma coisa é certa: um sistema elétrico permanentemente estressado é uma ameaça à economia do país e ao bem-estar de sua população.

Estamos diante de uma questão estratégica para o nosso desenvolvimento, e de enorme abrangência. Diz respeito não só à nossa capacidade de planejar a geração de energia, mas também de repensar o modelo de desenvolvimento que desejamos: na contramão do mundo, o Brasil está aumentando a intensidade do consumo

de energia no PIB, variável que é declinante não só nos países desenvolvidos, mas também na China e na Índia. O Plano de Desenvolvimento Energético 2020, em vigor, prevê mais do que dobrar a produção em setores eletrointensivos.

## É hora de um grande debate

Não se trata, é claro, de propor um puro e simples retorno à matriz energética que tínhamos há vinte anos, quando o antigo sistema começou a ser desffeito. Muitas condições mudaram. Uma nova matriz será, necessariamente, mais plural que a anterior. Há muitas questões a debater:

- o maior potencial hidrelétrico ainda inaproveitado está na Amazônia, o que exige um cuidado sério com os impactos ambientais, o manejo sustentável das iniciativas e o cumprimento das convenções internacionais, com a participação dos povos locais e das comunidades tradicionais em todas as decisões;

- é necessário produzir um grande desenvolvimento tecnológico endógeno – o que exige centros de excelência em pesquisa e fomento ao empreendedorismo – para ampliar significativamente o uso das energias solar e eólica. Elas

já são importantes em diversos países, mas têm papel incipiente no Brasil (a energia solar não aparece na matriz e a eólica contribui com apenas 1,1%);

- precisamos disseminar pequenas centrais hidrelétricas, de baixo impacto ambiental, pelo nosso vasto território e otimizar a produção de energia por meio do uso da biomassa;

- Detentor da terceira maior reserva de urânio do mundo e de tecnologia eficiente para enriquecê-lo, tendo em vista a produção de energia, o país deve abordar com muita responsabilidade os prós e os contras da retomada do programa de centrais nucleares.

Pelo lado do consumo, a busca de um modelo menos demandante de energia, a aplicação de políticas sérias de conservação – muitas delas bastante simples – e a adoção permanente de ações educativas junto à sociedade poderiam ter efeitos importantes.

Tudo isso mostra a necessidade de um debate nacional sobre o setor elétrico, que precisa ser alvo de uma enorme reformulação e incremento para deixar de ser uma fonte de preocupações e voltar a ser um suporte ao desenvolvimento brasileiro.

### Programa Nacional da FJM 2015 - 2017

A FJM reuniu representantes de todos os Estados e do Distrito Federal, no início do ano, em Brasília, para participarem do planejamento estratégico nacional da Fundação. O seminário foi realizado em três dias de intensos debates, com uma análise profunda do cenário atual feita por especialistas, convidados e militantes. O evento foi marcado pela democracia e compromisso de maior capilaridade das iniciativas de formação e formulação de políticas com a criação das coordenações estaduais da FJM em todos os Estados.

### Coordenações estaduais da FJM

A partir do Planejamento Estratégico da FJM, coordenadores estaduais da Fundação já iniciaram suas atividades. Os Estados de Pernambuco, Tocantins, São Paulo, Amazonas e Espírito Santo realizaram recentemente eventos e reuniram a militância nos Estados. A equipe de novos coordenadores está ativa e a agenda tem sido divulgada pelo Facebook. Acompanhe e participe.

### Fundações Partidárias dialogam com o Brasil

As fundações do PSB, PPS e PV e as direções partidárias, estão realizando em todas as regiões do país, o seminário **“Diálogo Brasil: Reflexões sobre a Crise e os Caminhos Democráticos”**. É a maneira encontrada para entender o conjunto de crises que se instalou no país. No seminário, representantes da sociedade apresentam suas avaliações e diagnósticos sobre o momento atual. O governador de Brasília, Rodrigo Rollemberg, abriu a primeira edição realizada, na sede da OAB nacional, com os Presidentes da OAB, ABI e da Ong Contas Abertas e representante da CNBB.

O convidado especial Cesar Benjamin cravou que podemos estar no início da mais grave crise da história brasileira. O evento contou com parlamentares dos três partidos, professores e lideranças que lotaram o auditório. “Diálogo Brasil” teve transmissão ao vivo pela internet e pode ser visto no site [www.tvjoaomangabeira.com.br](http://www.tvjoaomangabeira.com.br).

### SP realiza 2ª edição do “Diálogo Brasil”

A capital paulista recebeu a 2ª edição do seminário “Diálogo Brasil”. O evento foi realizado no Salão Nobre da Câmara Municipal e trouxe como convidado especial o professor da USP, José Álvaro Moisés. Representantes do Dieese e da União Geral dos Trabalhadores apresentaram relatórios atuais sobre a diminuição do poder de compra do brasileiro, aumento do desemprego e avaliações preocupantes sobre o mercado de trabalho e consumo em queda.

O vice-governador, Márcio França (PSB), abriu os trabalhos com avaliações consistentes sobre o cenário da política nacional e os impactos, sobretudo, no estado de São Paulo.

Mais de 300 pessoas compareceram e 6 mil internautas assistiram a transmissão ao vivo.

### FJM realiza “Ciclo: Políticas para o Brasil”

O presidente da FJM, Renato Casagrande (PSB), convida secretários e técnicos de Estados e Municípios administrados pelo PSB e aliados, a participarem do ciclo **“Políticas para o Brasil”**, na sede da FJM.

O ciclo acontece no Espaço Miguel Arraes na sede da FJM e no dia 13 de maio em Brasília, o tema é **“Segurança e Cidadania”**.

A edição será transmitida e registrada na TV João Mangabeira e visa apresentar as iniciativas e os programas bem sucedidos do partido em suas gestões.

O “Pacto pela Vida”, de Pernambuco, será apresentado pelo secretário de Planejamento, Danilo Cabral. Outro programa na área de segurança e defesa social que obteve também excelentes resultados e reconhecimento da ONU – “Estado Presente”, desenvolvido no Espírito Santo, será abordado pelo ex-secretário de Ações Estratégicas, Álvaro Duboc. O Secretário de Segurança Pública e da Paz Social de Brasília, Arthur Trindade, fala sobre os desafios encontrados na capital do país, com o tema “Segurança e Sociedade”. A proposta inclui também a participação das equipes técnicas, especialistas e representantes da sociedade civil. Acompanhe e integre a rede de políticas públicas que a FJM está articulando.

# Publicações



## Revista Política – publicação internacional

Periódico semestral bilíngue editada pela Fundação João Mangabeira, com a cooperação da escola Humboldt-Viadriana Governance Platform, da Alemanha. No primeiro número, lançado em dezembro de 2014, a “Reforma Urbana” foi o tema escolhido, os sete especialistas com visões distintas. Oferece ao leitor, uma interessante análise sobre as cidades brasileiras onde vivem 85% da população. A constatação do espaço urbano no Brasil foi que sua edificação aconteceu com injustiças, desigualdades e desatenção do poder público. Os artigos destacam a urgência de melhorar a qualidade de vida nas cidades. A revista pode ser lida no site: [www.tvjoaomangabeira.com.br](http://www.tvjoaomangabeira.com.br). O próximo número da Revista Política analisa os 30 anos da redemocratização do país.

## História Viva

A sede da Fundação João Mangabeira dispõe em suas dependências e na web, do “Centro de Memória Socialista: História Viva”. Trata-se de um lugar equipado com modernos meios tecnológicos que hospedam toda a coleção sobre a história de lutas políticas, no Brasil e no mundo, as quais o PSB se fez presente. A tela a qual se escreve a história do PSB deve ser mais ampla e compreensiva. Neste período, o PSB esteve inserido em todas as lutas pela liberdade, pela democracia, pelo respeito aos direitos humanos, pela autodeterminação dos povos, pela paz, pela igualdade, pelo humanismo e pela justiça social e, especialmente, pelo socialismo democrático. Agende um visita ao espaço pelo email [fjm@fjmangabeira.org.br](mailto:fjm@fjmangabeira.org.br).

## LANÇAMENTOS EM BREVE

### O Pacto Pela Vida de Eduardo Campos

A insegurança pública tem se apresentado como um dos principais problemas que afligem a população brasileira. O programa “Pacto Pela Vida” implantado há oito anos, em Pernambuco, com o objetivo de retirar o Estado do topo nos índices de homicídios do país, impôs uma nova concepção no combate ao crime. O autor se refere ao programa como a primeira política de segurança pública efetiva, desde a redemocratização do país. Acolhida pela sociedade com uma força cidadã, a própria



polícia procurou se colocar ao abrigo da cidadania. O livro, de acordo com especialistas, relata um dos maiores legados práticos dos governos de Eduardo Campos.

### Trajetória do casal sindicalista

O livro do casal de autores erradicados em Pernambuco, José Rodrigues da Silva e Geogina Delmondos dos Reis e Silva, tem na simplicidade aparente de sua narrativa, uma sofisticação que a sociedade brasileira precisa resgatar: a importância civilizatória e essencial do fazer político. Dentre muitas virtudes na forma de fazer política do casal destacam-se a perseverança, a generosidade, o compartilhamento, a organização, a questão de gênero, a fé, a prática religiosa, o cultivo da família, o entusiasmo



e o diálogo. A leitura deste livro é um exercício cívico e político de que o Brasil não precisa reproduzir seu passado, cujo fardo mais pesado tem caído sobre os ombros dos trabalhadores rurais.



## Boletim de Conjuntura Brasil

Com a proposta de aprofundar o projeto de desenvolvimento nacional, a FJM inicia a série Boletim de Conjuntura Brasil com a apresentação de temas de relevância para a formulação de políticas públicas. O Boletim impresso e virtual será disseminado junto ao universo do partido mas busca também ampliar a capacidade de debate com o envolvimento gradativo de uma rede de pesquisadores, especialistas e gestores relacionados a cada setor. Lançado em Maio de 2015, a primeira edição apresenta a Crise do setor elétrico brasileiro, acesse e contribua com comentários sobre o tema.



## Menu

- Cursos <
- Seminários <
- Jornada Socialista <
- Filmes <
- Documentários <
- Programas do PSB <
- Congressos <
- Oficinas <
- Debates <
- Encontro Programático <
- Sem Regional Programático <
- Filiação Marina Silva no PSB
- Escola Miguel Arraes
- 1º Enc Inter de Mulheres Socialistas
- Os Desafios dos Governos Socialistas
- Breve História e Métodos da EFP da FJM
- Diversos
- Tv PSB 40
- Eleições 2012
- Centro da Memória Socialista
- Diretrizes Elabo Prog de Governo
- Convenção Nacional 2014
- Eleições 2014 <
- Eventos <

## Cultura Política Socialista



**Novo Curso Aula 04**  
A Questão Urbana no Brasil

Assista >

## Breve História e Métodos da Escola de Formação Política da FJM



Breve História e Métodos da Escola de Formação Política da FJM com Carlos Siqueira e Adriano Sandri

Assista >

## O Socialismo em Revista



Série de programas abordando temas como o Socialismo no Brasil e as propostas de Socialismo dos fundadores do PSB

Assista >



Seminário > Sociedade e Diferença > Cursos >



COMPARTILHANDO EXPERIÊNCIAS 2012  
- Seminário preparatório para eleições 2012

Assista >

@fj\_mangabeira

f /fjoaomangabeira

## Convenção Nacional 2014



Assista >

## Os Desafios dos Governos Socialistas

> PALESTRAS

"Experiências estaduais bem sucedidas" Brasília - 07 e 08 de Dezembro de 2010 Partido Socialista Brasileiro - PSB

Leia mais... Comentar



2ª Edição "Diálogo Brasil: Reflexões sobre a crise e os caminhos democráticos"



Assista >

"Diálogo Brasil: Reflexões sobre a crise e os caminhos democráticos"



Assista >

Seminário nacional de planejamento 2015



Assista >

Lançamento da Revista "Politika"



Assista >

## Navegação rápida

abrir/fechar

### Cursos

- Formação Política
- Gestão Pública
- Sociedade e Diferença
- Políticas Públicas de Juventude
- Socialismo em Revista
- Cultura Política Socialista

### Seminários

- Pré-sal
- Seminário Internacional
- A crise no Capitalismo
- A crise Econômica Mundial

### Jornada Socialista

- Entrevistas
- Ariano Suassuna
- Arthur Moreira Lima
- Chico César
- Maciel Salu

### Filmes

- Brasília 18%
- Raízes do Brasil
- Raízes do Brasil II

### Documentários

- Brasil 500 Anos
- Diálogos da Liberdade
- O Guerreiro do Povo

### Programas do PSB

- É Possível
- O Encontro
- Setembro 2009
- Programa Eleitoral - 2011